

# **OPERÁRIO PATRÃO: UMA LEITURA MARXISTA DA PEÇA *ELES NÃO USAM BLACK-TIE***

**Verônica Daniel Kobs**

**Resumo:** Este artigo analisa de que modo o texto *Eles não usam black-tie*, de Gianfrancesco Guarnieri, reflete a ideologia revolucionária anterior ao golpe militar de 1964. Para reforçar a desigualdade social, representada pela oposição entre a classe burguesa e o proletariado, a peça faz uso da divisão espacial entre morro e cidade. Por essa razão, o texto permite uma análise marxista, em conformidade com a militância do autor e com o contexto social da época, marcado por inúmeras greves.

**Palavras-chave:** Marxismo. Classe. Revolução.

**Abstract:** This article analyzes that way the text *Eles não usam black-tie*, by Gianfrancesco Guarnieri, reflects the revolutionary ideology previous to the military blow of 1964. To reinforce the social inequality, represented by the opposition between the bourgeois class and the proletariat, the play makes use of the space division between slum and downtown. For this reason, the text allows a Marxist analysis, in accordance with the author's militancy and with the social context of the time, marked by countless strikes.

**Keywords:** Marxism. Class. Revolution.

## **Introdução**

Escrito em 1955 e encenado, pela primeira vez, em 1958, o texto *Eles não usam black-tie*, de Gianfrancesco Guarnieri, é um dos representantes do Teatro de Arena. No meio artístico, o ator e escritor destacou-se por seu engajamento político. Por meio do “populismo”, espécie de política que favorece as classes de menor poder aquisitivo, Guarnieri, sobretudo no caso específico da peça aqui discutida, provoca o

esvaziamento do sentimentalismo e do bucolismo, para dar relevo ao aspecto político-social:

[...] as personagens viam-se arrancadas de sua vida idílica e lançadas em plena luta social, com greves, manifestações coletivas, repressões policiais violentas [...]. Passando a agir como operários em luta contra os patrões, e não mais como simples indivíduos, assumiam eles não só a sua classe mas também uma herança revolucionária que, invertendo a expectativa (filhos rebeldes, pais acomodados), recaía sobre os mais moços como uma carga dura de suportar, tirando-os de seu sossego e prejudicando-os em seus projetos de ascensão econômica. (PRADO, 1996, p. 66)

Evidente que, para transformar os personagens em operários, a eleição de um cenário urbano foi determinante, porém, deve-se ressaltar que, mesmo migrando do campo para a cidade, os personagens, para servirem melhor ao populismo, não são inseridos dentro de uma metrópole, mas à margem dela. São moradores de uma favela, que funciona, na obra, como um microcosmo antitético por excelência, se confrontado com o padrão burguês.

Pensando especificamente no Teatro de Arena e na produção de Gianfrancesco Guarnieri, isso conta pontos para o esquerdismo, que buscava a crítica, através da insuflação das precariedades da direita, o que, por sua vez, garantia espaço ao discurso da esquerda, mesmo que isso representasse um risco, sobretudo na época em que a peça foi escrita e encenada, anos antes do golpe militar de 1964, afinal, qualquer postura contrária ao pensamento de direita era considerada subversiva e, portanto, vista com desconfiança e resistência.

O contorno político do texto torna-se evidente pela escolha do autor de retratar a classe operária e a exclusão, focalizando o homem comum, para, depois, se aproximar de grupos específicos, formado pelos moradores das favelas, pelas mulheres

e pelos trabalhadores. A ideia de dar voz a esses grupos configura-se como clara oposição ao discurso hegemônico: “Os escritores, sabendo que a ficção dá-se melhor com os vencidos, preferiam mostrar o tecido revolucionário pelo avesso, focalizando grupos que, ignorados pela sociedade oficial [...], protestavam da única maneira que conheciam [...]” (PRADO, 1996, p. 98).

Essa inserção da política no cotidiano e na literatura vem facilitar a associação da peça de Guarnieri com a concepção que norteava, já em 1929, os fundadores da Escola dos *Annales*, “Marc Bloch e Lucien Febvre, ao conclamarem os historiadores para estudarem o homem e todos os seus vestígios, e não somente as grandes personalidades [...]”. (LOURENÇO *et al.*, 2008, p. 03). Adotando como pressupostos a análise do cotidiano e o destaque aos excluídos, a Escola dos *Annales* invertia por completo a sistemática seguida pela História oficial. Por essa razão, a doutrina defendida pela Escola dos *Annales* ressoa em *Eles não usam black-tie*.

### **O espaço como definidor da diferença de ideologia**

Na peça, o enfoque da exclusão e do populismo atinge seu clímax com a oposição morro *versus* cidade. A diferença não é apenas espacial, mas também social e o curioso é que os próprios personagens da obra, moradores do morro, têm consciência da exclusão e, portanto, da diferença. É sobretudo na relação de Tião e Maria que tal oposição fica evidente. Logo no início da peça, Tião diz a Maria que não lhe agrada a ideia de viver no morro, demonstrando seu total “desencaixe” em relação ao espaço e à realidade da favela. Sobre isso, observem-se os trechos abaixo transcritos:

TIÃO: — [...]. Só tem uma coisa... Eu gostaria que tu tivesse tudo, num queria que minha mulhé vivesse em barraco...

MARIA: — Sempre vivi em barraco! E vivê com tu é o que interessa...

TIÃO: — Eu é que não me ajeito muito no morro. (GUARNIERI, 1997, p. 21)

MARIA: — [...] Olha a cidade lá embaixo!

TIÃO: — Tu não gostaria de ir pra lá?

MARIA: — Hum, hum... não. É fria... Eu gosto do morro.

TIÃO: — Muito?

MARIA: — Eu gosto do pessoal. Olha o cruzeiro, Tião! Como tá bonito [...]. (GUARNIERI, 1997, p. 72-73)

Nessas duas passagens, percebe-se como o tempo que Tião passou na cidade foi determinante para a ideologia que o personagem expressa. O “descolamento” temporário de Tião da realidade do morro faz com que ele adquira uma concepção totalmente oposta à de Otávio, razão do principal conflito da peça. O pai percebe com clareza a diferença que existe entre ele e o filho, que parece um estranho no mundo que já foi o dele. Conversando com Romana, Otávio fala: “— [...] geralmente o sujeito melhora de casa e muda as ideia. O problema de Tião é esse — mora em casa errada! Dando um duro danado a gente se convenceu que melhorá só com muita luta... Tião, não. [...] ele quer voltá a ser...” (GUARNIERI, 1997, p. 34).

Em dado momento, no texto, Tião revela à mãe que não aceita com facilidade a ideia de Maria continuar trabalhando depois de casada, ao que Chiquinho, que estava escutando a conversa, responde: “— Pensamento burguês...” (GUARNIERI, 1997, p. 56). A interferência do irmão caçula é mínima, mas resume a posição de Tião e as ideologias que sustentam a dicotomia morro *versus* cidade. Essa oposição adquire forma no principal conflito que ocorre entre pai e filho, quando a greve é declarada e a postura de ambos, diante disso, é divergente, orientando atitudes também antagônicas. Enquanto Otávio encara a greve como um meio de lutar por uma vida melhor, contra o sistema e a exploração, Tião faz um pacto com os patrões: teria uma promoção e um

aumento, desde que não aderisse à greve e fornecesse detalhes sobre o movimento.

A postura de Tião representa, de fato, o pensamento pequeno burguês. Em outra fala à Romana, o personagem revela: “— [...] como seria bom viajá. Pegava um avião e zuuuuum! Ia embora. Tomava café aqui, almoçava na Bahia... Jantava no México... Dormia no Japão...” (GUARNIERI, 1997, p. 54). Esse sonho de Tião dá a dimensão do afastamento que há entre ele e Otávio, personagem que representa o proletariado e ambiciona melhorar de vida, mas sem excessos. Não lhe importa perder o emprego. Importa que esse risco, sacrifício individual, renda frutos para todo o grupo. “Enquanto o pai tem perspectiva do presente, o filho olha para um futuro. Para Tião, os acontecimentos assim rápidos e explosivos não alteram a História, e parecem quase que insignificantes numa perspectiva maior [...]” (LOURENÇO *et al.*, 2008, p. 10)

Em um trecho da peça, Tião não se opõe apenas à ideia da greve, mas à condição de ser operário: “— [...]. A greve me metia medo. Um medo diferente! Não medo da greve! Medo de sê operário! Medo de não saí nunca mais daqui! Fazê greve é sê mais operário ainda!...” (GUARNIERI, 1997, p. 109). Nesse momento, o modo pejorativo como Tião se refere a uma classe que é sua, mesmo que isso contrarie sua vontade, coloca em extrema evidência a luta de classes que norteia a peça: burgueses contra operários. Comandando esse conflito estão os conceitos de individual e coletivo, que são as tônicas da peça. Enquanto Otávio e Romana, assim como todos no morro, apostam na coletividade, para tentar obter melhorias e também para superar as dificuldades, como fica claro no instante em que a mãe diz ao filho que “é melhor passá fome no meio de amigo, do que passá fome no meio de estranho” (GUARNIERI, 1997, p. 107), Tião é guiado pela individualidade: “— Cada um resolve seus galhos como pode! O meu, eu resolvi desse jeito.” (GUARNIERI, 1997, p. 95).

## Do conflito familiar à diferença de classe

Partindo da microestrutura familiar, Guarnieri representa, através do conflito entre pai e filho, a luta de classes, que, segundo Marx, marcou e continuará marcando a História da sociedade. A oposição que norteia a obra analisada é fruto do que Marx e Engels denominam “época da burguesia”, cujo “caráter distintivo” foi ter “simplificado os antagonismos de classes. A sociedade divide-se cada vez mais em dois vastos campos inimigos, em duas grandes classes diametralmente opostas: a burguesia e o proletariado”. (MARX; ENGELS, 2008, p. 2)

Em *Eles não usam black-tie*, esse confronto entre burguesia e proletariado tem como efeitos a instabilidade, a agitação social e a submissão do campo à cidade. É como se a oposição entre as classes e a consequente dominação de uma sobre a outra fossem reforçadas pela justaposição de espaços totalmente antagônicos, perfazendo a evolução da luta que se estabelece entre a classe burguesa e o proletariado. Sobre esse aspecto, merecem destaque os seguintes trechos do *Manifesto comunista*:

O proletariado passa por diferentes etapas de desenvolvimento. A sua luta contra a burguesia começa com a sua própria existência. A princípio, a luta é entabulada por operários isolados, depois, por operários de uma mesma fábrica, mais tarde, pelos operários do mesmo ramo da indústria, numa mesma localidade, contra o burguês que os explora diretamente. (MARX; ENGELS, 2008, p. 7)

[...] as colisões individuais entre o operário e o burguês tomam cada vez mais o caráter de colisões entre duas classes. Os operários começam por formar coalizões contra os burgueses para a defesa dos seus salários. Chegam a formar associações permanentes para assegurar os meios necessários, na perspectiva de eventuais rebeliões. Aqui e além, a luta rebenta, sob a forma de sublevações. (MARX; ENGELS, 2008, p. 8)

Ao esboçar em traços gerais as fases do desenvolvimento do proletariado, descrevemos a história da guerra civil, mais ou menos oculta, que se desenvolve no seio da sociedade existente, até ao momento em que esta guerra se transforma numa revolução aberta e o proletariado, derrubando pela violência a burguesia, implanta a sua dominação. (MARX; ENGELS, 2008, p. 10)

Com a leitura dos fragmentos transcritos acima, evidencia-se a necessidade de organização, de modo a alcançar uma unificação, através do conceito de classe. Apenas dessa forma é possível dar início às reivindicações que intentam manter os direitos já adquiridos, fazendo com que eles sejam cumpridos, ou conseguir que novos sejam estabelecidos. Marx e Engels também mencionam a guerra entre opressores e oprimidos que move a sociedade continuamente, o que, no texto de Guarnieri, é explicitado através de algumas falas de Bráulio: “ — [...] o negócio não vai ser sopa. Segunda-feira, cedinho, vamo se concentrá na porta da empresa. Vão querê obrigá a gente entrá, mas nós não entra!” (GUARNIERI, 1997, p. 51); “— Agora é que é tempo de aguentá firme mesmo. Nem que seja preciso passá mais fome, o jeito é aguentá!” (GUARNIERI, 1997, p. 71). O personagem de Otávio também denota resistência a qualquer custo, mesmo quando a repressão se faz presente, no momento em que alguns companheiros são presos. Depois deles, Bráulio, um dos líderes do movimento, também diz estar sendo vigiado. Mas é quando Romana recebe a notícia da prisão de Otávio, que ocorre no dia em que a greve tem início, que a repressão policial configura-se plenamente. A pressa de Romana em conseguir libertar o marido é o principal indício disso, pois ela teme que ele seja surrado pelos policiais.

Historicamente, desde 1890, no Brasil, discute-se sobre como considerar a greve: delito ou direito. Apesar de sucessivos esforços do proletariado, com algumas vitórias, a noção de greve como delito predomina:

Em consequência do clima de redemocratização, a greve passou de delito a direito garantido pela Constituição em 1946. Porém, [...] utilizando-se da prerrogativa de governar por Decretos, conforme a Constituição de 1937, o governo Dutra antecipou-se em alguns meses à promulgação da Constituição e, através do Decreto-Lei nº 9.070, de 13 de março de 1946, criou enormes barreiras legais ao exercício do direito à greve. [...]. As punições para os grevistas variavam da demissão a penas criminais. (MATTOS, 2008, p. 17-18)

Estudos como o de Luciana Lombardo, resgatado por Mattos, não só confirmam a repressão contínua aos movimentos grevistas como também apontam as acusações de comunismo e a participação em greves como os principais motivos das prisões realizadas no período. De fato, não é outra a acusação que pesa sobre Otávio, quando ele é levado para o D.O.P.S., segundo o relato de Bráulio a Romana: “— Otávio ficou entusiasmado e começou a fazê comício na porta da fábrica. Foi em canal! Prenderam ele como agitadô!” (GUARNIERI, 1997, p. 97).

De lados opostos, a greve e a repressão política constituem, na peça, amostras dessa guerra. Isso reflete, ao mesmo tempo, o contexto da ditadura e o contexto em que o texto de Guarnieri foi escrito e encenado, pela primeira vez. Na época anterior ao golpe de 64, a política fazia-se cada vez mais presente na vida social, interferência que atingiu seu auge no período ditatorial. A consequência disso foi o aumento do número de greves, ano após ano, como comprova o estudo realizado por Marcelo Badaró Mattos, que se baseou em levantamentos anteriores sobre o número de greves que assolou o país. Uma dessas estatísticas, de autoria de Salvador Sandoval, apontou a marca de 168 greves, no Rio de Janeiro, entre 1945 e 1968. Aprofundando as pesquisas, embora reconheça a impossibilidade de se chegar ao número real de greves feitas no período, Badaró chegou ao impressionante número de “480 greves entre 1945 e 1964, soma três vezes maior que a levantada por Sandoval” (MATTOS, 2008, p. 3). Outra informação importante é que, apenas entre 1958 e 1963, foram localizadas

307 paredes.

Pelas tabelas que ilustram o estudo mencionado, comprova-se que, de 14 greves, em 1954, chega-se a 77, em 1963, ano que antecedeu o golpe militar:

É justamente no período da segunda metade dos anos 50 e primeiros anos da década de 1960 que a curva de movimentos grevistas toma um rumo ascendente significativo, com saltos sucessivos no número de paralisações, que configuraram uma das fases mais dinâmicas do movimento operário brasileiro. (MATOS, 2008, p. 3-4).

Coerente com o panorama que marcava o contexto político-social da época em que foi escrita, *Eles não usam black-tie* expõe o reajuste salarial como o principal objetivo do movimento organizado pelos operários. Tais afirmações permitem afirmar que a greve constitui a principal arma dos operários, na guerra contra os patrões. Institui-se um clima de “tudo ou nada”, dando espaço à resistência extrema e à repressão. Organizados em classes antagônicas, operários e patrões redimensionam o conflito, que se avoluma aos poucos, já que do individual passa-se ao coletivo, paulatinamente, atingindo proporções que detonam um debate acirrado sobre leis, direitos, deveres e justiça, num aspecto mais amplo.

Nesse ponto, é importante voltar às questões da exclusão e do populismo, pois a ótica assumida pelo texto é a do proletariado, que, recebendo espaço e voz, pode explicitar sua postura, invertendo o esquema hierárquico que submete essa classe à burguesia, daí a abertura tão profícua ao Marxismo. Em falas relativamente extensas, Otávio, falando em nome da classe que representa, faz uso de um direito, o de expressão, que, embora lhe seja garantido, é sempre oprimido pelo discurso hegemônico: “— Sai o aumento nem que seja a tiro! [...]. Eu acho graça desses caras, contrariam a lei numa porção de coisas. Na hora de pagá o aumento querem se apoiá na lei. [...]. Num dou duas semanas e vai estorá uma bruta greve que eles vão vê se

paga ou não.” (GUARNIERI, 1997, p. 25). Nesse momento, há uma breve interferência de Tião e o pai retoma a palavra: “— [...] tu pensa que o negócio se resolve só com comissão. Com comissão eles não diminui o lucro deles nem de um tostão! Operário que se dane. Barriga cheia deles é o que importa...” (GUARNIERI, 1997, p. 25). O resultado da discussão é uma fratura no conjunto da classe operária. Tião é operário, como Otávio, mas está contaminado pelas ideias burgueses. Essa contradição faz Tião romper com o pai e com os companheiros da fábrica, situação que sinaliza a fragilidade do movimento e da classe operária como um todo.

### **Considerações finais**

No texto literário, o conflito entre pai e filho provoca muito mais que o esfacelamento da família como célula social. Em consonância com o aspecto político da peça, a tensão nas relações familiares revela desunião e ausência do conceito de classe. As atitudes de Tião e Jesuíno exemplificam isso, embora os personagens assumam posições distintas, durante a greve, em relação aos outros trabalhadores. Tião escolhe de que lado ficar e assume todos os riscos de sua decisão. Jesuíno, ao contrário, faz jogo duplo. Na peça, em uma fala de Tião a João, a traição de Jesuíno é comentada, depois de os dois descobrirem que Jesuíno teve o braço quebrado, na repressão à greve: “— O que ele fez não se faz. Querê enganá os outros é errado. Eu disse que a turma ia sabê. [...]. Ele procurou se ajeitar, eu não. Tinha uma opinião e fui até o fim. Furei greve e digo pra todo mundo!” (GUARNIERI, 1997, p. 100).

Excetuando as peculiaridades da postura tomada pelos dois personagens, importa que tais divergências fragmentaram o proletariado, que “estava com armas nas mãos para desempenhar uma revolução, mas que não estava preparado para tal, pois não tinha desenvolvido consciência do papel que a classe deveria exercer” (LOURENÇO *et al.*, 2008, p. 13-14). Décio de Almeida Prado, detendo-se sobre a

greve e o sindicalismo, na obra de Guarnieri, coloca em primeiro plano a união, essencial para que o sujeito possa se assumir como parte de um grupo maior, sua classe:

Nos grandes centros urbanos, bem no âmago do capitalismo, como sua principal célula econômica e também como seu pior inimigo, lá estava o operário, pobre, ignorante mas já começando a tomar conhecimento de suas potencialidades, a perceber que os fracos, unindo-se, derrotam os fortes. A greve e a união em torno do sindicato significam [...] menos uma oportunidade de luta por reivindicações precisas, salariais ou de outra natureza, do que o estopim deflagrador de um processo de esclarecimento político que se começou a chamar de conscientização. (PRADO, 1996, p. 97)

Analisando mais a fundo a postura de Tião, à luz do Marxismo, pode-se retomar a concepção de “trabalho alienado”, o que implica a relação entre trabalho e produção (mas para beneficiar o outro e não a si próprio). Aliando-se à classe dominante para manter seu emprego, Tião reforça a relação de escravidão que Marx e Engels identificam entre burguesia e proletariado, afinal, visando ao lucro dos patrões, os operários são considerados meras mercadorias e o principal indício disso é a troca de trabalho ou mão de obra por salário. Essa relação, na cabeça de Tião, será positiva para o futuro, assegurando sua estabilidade e a obtenção das metas por ele estabelecidas. Nessa utopia, é como se ele, responsável direto pela produção, pudesse usufruir o lucro, o que é inviável, de acordo com a visão marxista:

Quanto mais o trabalhador se gasta trabalhando, tão mais poderoso se torna o mundo objetivo alheio que ele cria frente a si, tão mais pobre se torna ele mesmo, o seu mundo interior [...]. O trabalho alienado é a causa imediata da propriedade privada. Por conseguinte, com um dos aspectos também tem que cair o outro [...]. (LOURENÇO *et al.*, 2008, p. 15).

Essa citação resume os ideais marxistas que os operários refletem, no texto de Guarnieri. Desse modo, fica evidente que o engajamento do autor e dos personagens não resultaria em um texto que se mostrasse em conformidade com a usura do sistema capitalista. Não podemos nos esquecer de que *Eles não usam black-tie* é legítimo representante da arte produzida antes do golpe de 1964, pré e pró-revolução, na qual tinham lugar a reação à burguesia e a luta por uma sociedade mais igualitária. Era a época que desejava o embate político e social, com o ataque ao Imperialismo e ao capitalismo, e *Eles não usam black-tie* participava desse projeto, daí as características que se sobressaem no texto: luta com esperança, persistência, idealismo e crença na validade dos ideais seguidos e defendidos pela esquerda.

### Referências Bibliográficas

GUARNIERI, G. **Eles não usam black-tie**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1997.

LE GOFF, J.; DE CERTEAU, M.; LADURIE, E. (Orgs.). **A nova História**. Lisboa: Edições 70, s/d.

LOURENÇO, J. *et al.* **Usando o black-tie**: despindo a obra de Gianfrancesco Guarnieri — o cinema, o marxismo e a escola dos *Annales*. Disponível em: <<http://www.klepsidra.net/klepsidra22/black-tie.htm>>. Acesso em: 06 jun. 2008.

MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto comunista**. Disponível em: <[http://vermelho.org.br/img/obras/manifesto\\_comunista.asp](http://vermelho.org.br/img/obras/manifesto_comunista.asp)>. Acesso em: 13 jun. 2008.

MATTOS, M. B. **Greves, sindicatos e repressão policial no Rio de Janeiro (1954-1964)**. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01882004000100010&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01882004000100010&script=sci_arttext)>. Acesso em: 15 jun. 2008.

PERROT, M. **Os excluídos da História**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

PRADO, D. de A. **O teatro brasileiro moderno**. São Paulo: Perspectiva, 1996.

**Verônica Daniel Kobs** é Doutora em Estudos Literários pela UFPR. Coordenadora e Professora do Mestrado em Teoria Literária da Uniandrade. Professora da Graduação em Letras da FACEL e da FAE. Consultora de Língua Portuguesa da RPC e da Ó TV.